



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

**DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL:
TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO**

Jéssica Viana Marques

UFCG

jessicaviana.jrf@gmail.com

João Balduino de Brito Neto

UFCG

jobalduino@gmail.com

Mikaela Dantas Tavares

UFCG

mikaeladantas15@gmail.com

Juciene Ricarte Apolinário – Orientadora

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante toda a historiografia, fica clara a necessidade que o homem tem de manifestar a/sua subjetividade por meio de uma série de caminhos que a arte propicia, seja pela música, as belas-artes, a dança, dentre outros. A arte, em especial, é uma forma de expressão individual ou coletiva que retrata a interação homem-homem e homem-mundo, as manifestações supracitadas tendem a abordar temáticas variadas – culturais, econômicas, sociais ou religiosas –, portanto, o meio artístico é a mais natural e uma das mais significativas representações do humano.

Acerca desta necessidade, os grupos sociais vigentes nos primeiros séculos do Brasil, passaram a se reunir das altas classes até às mais marginalizadas, e confraternizarem dentro de seus costumes e particularidades. A presença da Igreja e dos costumes luso-espanhóis, bem como do próprio Estado, tomou conta das festas que aconteciam na corte e na alta sociedade brasileira; contudo, ao decorrer do tempo, as





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

festas tomaram um caráter que possibilitou a troca e assimilação de costumes advindos das mais diversas culturas presentes no Brasil embrionário.

Na alta sociedade, as festas representavam a relação de poder entre a Igreja e o sistema monárquico, recheada, de fato, por inúmeros interesses. Ao sair das casas e ganhar as praças públicas, as festividades passaram a demonstrar tais simbologias religiosas:

“O conteúdo doutrinário das imagens costumava ser muito forte, sobretudo nas festas religiosas, em que o carro alegórico funcionava como um suporte para divulgar as concepções religiosas desejadas pela Igreja tridentina para a população.” (DEL PRIORE, 2000, p. 51)

O costume e técnicas de execução do carro alegórico vieram da metrópole e foram bem utilizados nas terras da colônia americana de Portugal.

Entretanto, os ritos se misturaram, as danças profanas invadiram as festas e iniciou-se a participação da maior parte da população nas festas católicas, a Igreja assim permitia diante da interpretação que estas – as danças profanas – seriam formas de culto a Deus. Dessa forma, criou-se uma diferença entre as festas da metrópole e as expressões na colônia, mesmo aquela influenciando esta, o entreposto entre o sagrado e o profano. Surgem as danças que caracterizam a cultura e a sociedade brasileira.

Diante dessa junção e a apropriação das culturas e ritos, permitiu-se que o negro e o aborígene – aqui presentes e hostilizados – sentirem-se parte do todo, identificados com o outro, o colono. Logo, é entendido que as danças juntaram e, de fato, transformaram as culturas distintas que se fizeram presentes no Brasil, e, à vista disso, criaram uma multiplicidade de identidades dos povos aqui instalados. Neste ensaio, a obra primorosa da historiadora Mary Del Priore, *Festas e utopias no Brasil colonial (2000)*, foi explorada em demasia para o entendimento das danças e sua relação com a identidade; além disso, outros livros e artigos a respeito desse dançar identitário foram igualmente analisados para os fins deste texto.

FESTIVIDADES SACRAS E PROFANAS E A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Ao optar por uma temática abrangente, tendo em vista a variedade de documentações, seja por cartas de jesuítas, observações de cronistas e viajantes, etc., foi examinado as festas no período colonial brasileiro para além do divertimento somente, partindo, sobretudo, do caráter identitário e de aproximação que as danças, em especial, manifestavam.

As dimensões sagradas e profanas das danças evidenciaram o sistema hierárquico entre a metrópole e a colônia e, de fato, enriqueceram a cultura europeia e a religião católica ao atrair os recém convertidos às festividades. O estudo a respeito da dualidade sagrado-profano nos leva a reconhecer que são elementos que não fogem à dança; a sua separação e, por conseguinte, o ato de instituir a *dança profana* e a *dança sagrada* foi um meio de afastamento não apenas religioso, mas cultural. Em contrapartida, o transcendentalismo no ser dançante aponta o seu lugar no tempo e espaço caminhando a uma performance que é simultaneamente planejada e espontânea, e essencialmente política. Foi através da dança – profana –, dessa arte que foge da linguagem falada, que os povos subalternos expressaram suas identidades, e que foi, segundo Del Priore, um canal de informações entre a colônia e além-mar. As danças são, pois, um exemplo maior de assimilação e conhecimento cultural, a historiadora destaca que na colônia haviam danças originadas da península Ibérica e da África, enquanto na metrópole, em corolário, as danças que eram divulgadas pertenciam ao Brasil.

Destarte, a identidade cultural, também um instrumento de poder e em mãos dos colonos, propôs, por intermédio das danças e festas em geral, a imposição do idioma português, do modelo de civilização e cultura europeia; levando, então, as demais culturas à invisibilidade. Ainda assim, o ato de dançar, em si, é uma manifestação política que intervém na coletividade – toda forma de arte é, em termos amplos, uma participação política direta ou indireta. Isto posto, embora houvesse a exploração dos povos nativos ou trazidos ao Brasil, a dança foi e continua sendo a manifestação subjetiva da comunicabilidade e a elaboração e organização desse coletivo.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

As danças profanas, determinadas por tudo o que fugisse às danças realizadas pelo branco europeu católico, exerceram imprescindível papel no que tange a memória catequética colonial. A decisão dos jesuítas de se utilizar das danças como encontro com o Sagrado propiciou transformações no meio de ludicidade social – sendo a dança a protagonista –, o que culminou em festas, por exemplo, em que a participação da população indígena atuava com um caráter ritual duplo, isto é, os cultos católicos os quais celebravam eram entrelaçados aos seus cultos próprios; ou, ainda, confrarias meio sagrados e meio profanos, como é o caso das Folias d’Espanha.

Os eventos públicos de caráter festivo assegurados ora pelo calendário religioso ora pelo poder estatal, promoviam, mesmo que de forma indireta, essa aproximação entre o eu e o outro, o nativo e o colono, o negro africano e o colono. A partir do momento em que há essa identificação entre os sujeitos, é delineada a identidade de si e examinada a do outro, eis o processo de alteridade; que podemos deduzir que não somente os subalternos se puseram em um mesmo patamar que os colonizadores, mas também que os europeus, por meio das danças, exploraram o universo desses indivíduos. Tomando por base um trecho da obra de Del Priore (2000): “[as danças], finalmente incentivaram a canalização da capacidade de resposta das culturas dominadas frente à situação de conflito criada com a escravidão negra e o trabalho compulsório indígena.”

O ser dançante escapa, por vezes, à análise, é expressivo em seu ápice, a arte de performar a vida vai além do que é denominado de profano ou sacro; o dançar é sinônimo de transformação e representação. Sendo assim, a construção da identidade no que se refere a dança denota, além do transcendente em uma espacialidade e temporalidade, a fortificação de certos desequilíbrios sociais com festividades que simbolizavam conflitos, muitas vezes de rivalidades reais, e ainda “[...] a colaboração que eventualmente teriam a oferecer à metrópole, e o signo de sua dominação sobre os demais segmentos sociais na Colônia” (DEL PRIORE, 2000, p. 62).

As festas são uma escapatória da monotonia e preocupações da realidade, e uma maneira de salvaguardar costumes em terras diferentes, construir ou preservar





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

identidades e uma expressão vivencial por meio da linguagem da dança, a partir do ponto em que as palavras são limitadas, ou proibidas, ou simplesmente não bastam. A dança, normalmente presente de musicalidade, põe o espaço e o tempo coexistindo nela própria, e não o contrário; a exteriorização do indivíduo demonstra, então, que os conceitos profano e sagrado como pejorativos e diminuentes sociais, já não surtem tanto efeito quando há o ser dançante, a identidade, a cultura.

DIFERENÇAS SOCIAIS, FESTAS REPRESENTATIVAS NO PERÍODO COLONIAL E A RELAÇÃO DE EQUIDADE SURGIDA DESTAS

As discussões em torno das festas no Brasil colônia é um estudo de expressões ritualísticas que a historiadora Mary Del Priore apresenta, ou seja, uma pesquisa dos espaços frequentados por membros de diferentes segmentos sociais constituintes da sociedade colonial, a festa.

Em um primeiro momento, a festa se configura como um discurso referente a cultura da elite, todavia, a função, o significado e a interpretação que a tal elite faz da festa não é igual àquela da cultura popular. Se a primeira tenta impor regras e normas para conseguir a imposição religiosa, disciplinarização e normatização dos corpos, a segunda subverte essas normas. Então, como destacado pela autora:

“Se por um lado observam-se as instituições tentando dar uma única função à festa, por outro vamos perceber o povo dela se apropriando de maneira peculiar. A festa, seus espaços e suas atividades vão ter outra interpretação aos olhos da multidão, a cada momento possibilitando uma inversão na sua utilização.” (DEL PRIORE, 2000, p. 105)

Percebe-se que a festa, enquanto um produto cultural de cunho institucional, tem por função o controle; ela é produzida visando esse fim, e logo em seguida, executada como festividades, propriamente.

Não obstante, as festas representativas eram feitas e planejadas a partir do calendário da Igreja que se festejavam as santidades; por exemplo, Santo Entrudo, assim chamado o carnaval dos dias contemporâneos. Sendo assim, as solenidades tinham por finalidade impor a cultura europeia, a religião e exercer o controle dos povos subordinados – primordialmente, negros e indígenas. Porém, tais submetidos





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

conseguiram burlar esse regimento, de certa forma, através das danças presentes nas festividades – suas danças, pois, eram tratadas pela Igreja como profanidades; e havia, então, a interação destes e demais sujeitos que buscavam momentos lúdicos. Mediante o exposto, as danças profanas foram uma das vias em que a manifestação das religiosidades indígena e africana permaneceram vivas.

A partir disso, as festas se tornaram atrativas para o período em questão, visto que existia a interação entre negros, indígenas e brancos empobrecidos, tendo em vista, ainda, que cada etnia tinha sua posição dentro do sistema hierárquico. No entanto, era através das festas que se evidenciava uma certa relação de equidade, pois, em síntese, a cerimônia para a cultura popular era a própria oposição ao cotidiano, uma vez que comia-se, bebia-se e ria-se como não se fazia no restante do tempo. Em outras palavras, “era uma época de desperdício justamente porque o cotidiano era uma época de cuidadosa economia.” (BURKE, 1989, p. 308). Enfim, para as classes subalternas, as festas significavam um ritual de inversão da situação vigente.

Essa interação entre as classes pode ser entendida na contemporaneidade, uma vez que as festividades, em particular o carnaval, obtém esse breve sentido de equidade, pois todas as camadas sociais interagem, mesmo que de maneira indireta, umas com as outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativo a temática abordada, podemos afirmar que as festas, sobretudo as danças, foram manifestações que a) fomentaram a criação de uma identidade dos povos autóctones e trazidos ao país, assim como a necessidade de se expressar fez com que buscassem as mais diversas formas praticar e preservar seus costumes, além da b) apropriação das culturas; em ambas as partes, a Igreja permitiu as danças para o culto ao Sagrado, ainda que fosse realizado segundo a maneira dos já catequizados e a catequizar, o duplo ritualístico.

Ademais, as festas eram uma forma de fuga da rotina castigada pelo sistema e pela natureza, como exemplificado por Del Priore, “o riso típico da festa acompanhava





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

o alívio e também a revanche dos homens, agora 'urbanos', contra as forças naturais e selvagens do campo, da montanha e dos sertões.” (DEL PRIORE, 2000, p. 54)

Surgem, nessas terras, as danças realmente caracterizadas dessa junção de culturas; a “chegança” que lembrava as lutas entre mouros e cristãos – já remetendo aos povos mouros que estiveram em terras brasileiras –; os “cocos” vieram da África e se popularizaram durante o século XVIII; os “congos” misturaram tradições africanas e bailados vindos da Europa. Visto isso, é entendido a existência de influências vindas de todas as partes do globo e instaladas no Brasil, criando uma espécie de equidade entre as culturas, dadas as dimensões da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARA, M. L. **Dança: Dimensão sagrada ou profana**. Conexões, v.1, n2, p. 94-107, 1999.

PAIXÃO, Paulo. **Por uma política cidadã do corpo: A função comunicativa na dança no Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SARAIVA, Maria do Carmo. **O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação**. In: Movimento. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 219-242, set.-dez. 2005.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

